

Apostila 3: um resumo dos princípios de análise da imagem segundo Martine Joly

1. A imagem pode e deve ser analisada metodicamente; ela é um objeto de comunicação feito para um receptor dentro de uma cultura (contexto) específica;
2. Não existe uma “fórmula” pronta para empreender análises de imagens; apenas linhas de raciocínio; alguns princípios elementares;
3. É possível pensar a imagem como uma forma de linguagem, e aplicar noções da análise lingüística à interpretação do objeto imagético, guardadas as devidas distâncias que existem entre línguas faladas (articuladas, descontínuas, discretas) e as imagens (desarticuladas, contínuas, ambíguas);

Os princípios:

1. levar em consideração o **horizonte de expectativas** (função, contexto cultural, circunstâncias etc.);
2. Agir por confrontação assinalando **presenças e ausências**: “vejo aqui a cor verde, e não amarela (ou azul, branco...)”; “vejo um círculo, não um retângulo”; “vejo um camponês, não um nobre”. Pelo exemplo, compreendemos que o raciocínio por contraste e oposição funciona em vários níveis - na análise temática (as figuras representadas no quadro), na análise do ‘pano de fundo’ (os cenários, as cores etc.). A questão é perguntar qual a **lógica das escolhas** feitas pelo artista. Não que nos interesse saber o que ele queria, mas sim como nós, hoje, podemos “ler” a imagem de modo interessante para nós.
3. A imagem comunica, e presta-se, inclusive, a diferentes **funções comunicacionais**, conforme definidas por Jakobson: função fática, conativa, poética etc...
4. Como no caso da língua falada, podemos buscar articular a “língua” imagética em dois planos: o dos **paradigmas** ou modelos (por que o artista usou este elemento – um cilindro – e não outro – um cubo?) e o dos **sintagmas** (o que esta composição me diz como um todo? Como posso traduzi-la como um argumento global?)
5. Na análise de *Usine à Horta de Ebro*, de Picasso, Martine Joly baseia-se no estudo de quadro elementos constitutivos da imagem; são o que ela chama de **eixos plásticos: formas, cores, composição e textura**.

Ela começa então um trabalho de descrição da imagem: formas cerradas, sem intervalo visual (como que sem ar), geométricas, falsa perspectiva, domínio dos cubos, paralelepípedos e cilindros. As cores declinam conforme uma variação de tons quentes: ocre, ferrugem, marrom etc. As impressões que ela tira daí são: calor, sufocamento (não há janelas nem movimento), opressão, falta de ar e de perspectiva. Temos nessa imagem um jogo entre reconhecimento (identificamos o que parecem ser algumas formas: prédios, palmeiras) e expectativas frustradas de reconhecimento. A última frase da bela análise de Joly poderia resumir a mensagem do quadro: “Pessimismo colorido de revolta, que denuncia o encerramento inútil e sem futuro de um universo de produção sufocante, alienante e desumano” (68). Importa aí não apenas *o que Joly diz*, mas também *a maneira com que diz*, usando uma linguagem ao mesmo tempo clara, sem jargões, mas profunda poética e precisa. Ela descreve e interpreta a imagem no mesmo movimento e é tão persuasiva em sua argumentação que nos convence de sua validade.